

DA DOR INVISÍVEL AO SENTIDO COMPARTILHADO: FIBROMIALGIA, ESTIGMA E AS MEDIAÇÕES DA CULTURA POPULAR NA PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA

*Marlene Silva de Moura
Edgar Monteiro Chagas Junior*

Resumo: O artigo analisa a experiência da fibromialgia numa perspectiva interdisciplinar. A partir da Logoterapia de Viktor Frankl e do pensamento teológico de C.S. Lewis, explora como o sofrimento crônico pode ser resignificado em caminho de autotranscendência e busca de sentido. Em diálogo com a teoria do estigma de Goffman, discute a invisibilidade social da dor difusa e o descrédito médico sofrido por pessoas com a síndrome, destacando o impacto do estigma na identidade e saúde mental. O trabalho investiga ainda a função terapêutica da cultura popular, examinando como manifestações amazônicas – como o Círio de Nazaré e o Arrastão do Pavulagem – criam espaços simbólicos de acolhimento, pertencimento e reconstrução de sentido, convertendo a dor individual em narrativa coletiva. A conclusão aponta para a necessidade de uma abordagem humanista que integre ciência, espiritualidade e cultura, visando superar a invisibilidade e ressignificar a experiência da dor crônica.

Palavras-chave: Fibromialgia. Humanismo. Estigma. Logoterapia. Cultura popular.

FROM INVISIBLE PAIN TO SHARED MEANING: FIBROMYALGIA, STIGMA, AND THE MEDIATIONS OF POPULAR CULTURE FROM A LOGOTHERAPY PERSPECTIVE

Abstract: This article analyzes the experience of fibromyalgia from an interdisciplinary perspective. Drawing on Viktor Frankl's Logotherapy and C.S. Lewis's theological thought, it explores how chronic suffering can be given new meaning on a path of self-transcendence and a search for meaning. In dialogue with Goffman's theory of stigma, it discusses the social invisibility of diffuse pain and the medical discredit suffered by people with the syndrome, highlighting the impact of stigma on identity and mental health. The work also investigates the therapeutic function of popular culture, examining how Amazonian manifestations – such as the Círio de Nazaré and the Arrastão do Pavulagem – create symbolic spaces of acceptance, belonging, and reconstruction of meaning, converting individual pain into a collective narrative. The conclusion points to the need for a humanistic approach that integrates science, spirituality, and culture, aiming to overcome invisibility and give new meaning to the experience of chronic pain.

Keywords: Fibromyalgia. Humanism. Stigma. Logotherapy. Popular culture.

DEL DOLOR INVISIBLE AL SENTIDO COMPARTIDO: FIBROMIALGIA, ESTIGMA Y LAS MEDIACIONES DE LA CULTURA POPULAR DESDE UNA PERSPECTIVA LOGOTERAPÉUTICA

Resumen: Este artículo analiza la experiencia de la fibromialgia desde una perspectiva interdisciplinaria. Basándose en la logoterapia de Viktor Frankl y el pensamiento teológico de C.S. Lewis, explora cómo el sufrimiento crónico puede resignificarse en un camino de autotranscendencia y búsqueda de sentido. En diálogo con la teoría del estigma de Goffman, aborda la invisibilidad social del dolor difuso y el descrédito médico que sufren las personas con este síndrome, destacando el impacto del estigma en la identidad y la salud mental. El trabajo también investiga la función terapéutica de la cultura popular, examinando cómo las manifestaciones amazónicas, como el Círio de Nazaré y el Arrastão do Pavulagem, crean espacios simbólicos de aceptación, pertenencia y reconstrucción de significado, convirtiendo el dolor individual en una narrativa colectiva. La conclusión señala la necesidad de un enfoque humanista que integre ciencia, espiritualidad y cultura, con el objetivo de superar la invisibilidad y ressignificar la experiencia del dolor crónico.

Palabras-clave: Fibromialgia. Humanismo. Estigma. Logoterapia. Cultura popular.



da palavra

1. INTRODUÇÃO

A fibromialgia é uma síndrome caracterizada por dor crônica difusa, fadiga e alterações emocionais, cuja origem multifatorial desafia os modelos biomédicos tradicionais (Kerr; Demichelis, 2025). Ao mesmo tempo, o sofrimento decorrente dessa condição suscita reflexões sobre o sentido da vida, o estigma e a dimensão simbólica do adoecer. A partir dessa perspectiva, compreender o fenômeno da fibromialgia implica ultrapassar as fronteiras do corpo e alcançar as dimensões existencial, cultural e espiritual da experiência humana.

Estudos recentes de Ortega-Martínez, Grande-Gascón e Calero-García (2023) apontam que fatores socioafetivos e culturais influenciam significativamente a qualidade de vida de pessoas com fibromialgia, mostrando que redes de apoio e vínculos comunitários podem mitigar o impacto da dor e favorecer novas formas de significação. A partir dessa compreensão, a fé, a espiritualidade e as expressões culturais populares, como as devoções, as festas religiosas e as narrativas simbólicas, emergem como dispositivos de resistência, transcendência e reconstrução identitária.

Neste estudo, busca-se compreender a experiência da dor a partir de um olhar interdisciplinar que articula os campos da Logoterapia, da filosofia, da reumatologia e da cultura. A escolha por uma abordagem teórico-reflexiva se justifica pela complexidade do tema, que envolve dimensões biológicas, psicológicas e espirituais, mas também simbólicas e culturais, frequentemente desconsideradas pelos modelos reducionistas de saúde. A fibromialgia, nesse sentido, não é apenas um fenômeno clínico, mas uma experiência humana e social que exige diálogo entre ciência, fé e cultura.

Ao articular o humanismo frankliano (2014), o pensamento teológico de Lewis (2021), as contribuições de Erving Goffman (1968) sobre estigma e

representação da doença, e os estudos contemporâneos sobre fibromialgia e cultura popular, este artigo propõe um diálogo entre ciência, fé e cultura como caminhos possíveis de reconstrução do sentido diante da dor. A estrutura do texto foi concebida de modo a conduzir o leitor por quatro eixos temáticos interligados: o humanismo e o problema da dor; o estigma e a invisibilidade da dor; a dor como via de sentido; e a cultura popular como espaço de sentido e espiritualidade.

2. O HUMANISMO E O PROBLEMA DA DOR

Ao tratar a temática da dor em sua obra *O problema da dor*, Lewis (2021, p. 91) apresenta uma perspectiva teológica, ao mesmo tempo clássica e existencial, na qual rejeita a leitura punitiva da dor e a compreende como via pedagógica, na qual o sofrimento convida à humildade, à fé e à purificação da alma. Para Lewis, a dor não é vista como punição, mas uma possibilidade de reencontro com o divino, podendo ser compreendida como o “megafone de Deus”, uma linguagem extrema através da qual o sagrado chama o ser humano à consciência e à transformação interior. Lewis observa que o sofrimento tem a função paradoxal de acordar o ser humano de sua indiferença espiritual: “Deus nos sussurra nos prazeres, fala-nos na consciência, mas grita na dor: é o seu megafone para despertar um mundo surdo”.

A experiência do adoecimento pode tornar-se um caminho de retorno ao sagrado e de reconstrução simbólica do eu fragmentado. Amar é desejar a perfeição do amado, e essa perfeição, muitas vezes, só se revela por meio do sofrimento. Lewis reconhece que o amor de Deus “não é indulgente, mas criador”; trata-se de um amor que busca a transformação do ser humano,

mesmo quando essa transformação se dá através da dor (Lewis, 2021, p. 104).

Essa compreensão da dor como via pedagógica e espiritual aproxima-se de tradições teológicas que interpretam o sofrimento não como punição, mas como oportunidade de conversão e crescimento interior. Em suas *Confissões*, Santo Agostinho (2000) entende a dor como consequência do afastamento do ser humano de Deus, mas também como convite à graça e à reintegração espiritual. Já Tomás de Aquino (2006), na *Suma Teológica*, concebe o sofrimento como ocasião para o fortalecimento das virtudes, especialmente a paciência e a humildade. Em conjunto, essas visões convergem para a ideia de que a dor, ainda que indesejável, pode constituir-se como caminho de sentido e reencontro com o sagrado.

Por outro lado, a abordagem teológica de Lewis pode ser desafiada em contextos seculares ou não religiosos, onde a dor não é interpretada como um chamado divino, mas como uma experiência humana a ser compreendida e aliviada. Em sociedades contemporâneas, marcadas pelo pluralismo espiritual, a visão de dor pode ser vista como limitante ou excludente. Nesse sentido, Yuval Noah Harari (2018) destaca que, na modernidade, o sofrimento é frequentemente abordado sob uma ótica científica e psicológica, desvinculada de explicações metafísicas. Essa tensão entre espiritualidade e secularismo aponta para a necessidade de uma abordagem mais inclusiva, que reconheça a diversidade de significados atribuídos à dor.

Nessa lógica, o sofrimento não destrói; depura. Ele não é o fim do ser humano, mas o processo pelo qual o ser humano se despede das suas ilusões e reencontra a si mesmo na presença de Deus. A dor, portanto, é o ponto de ruptura que rasga as ilusões da autossuficiência e abre o caminho para a autotranscendência. Para Lewis, a dor é um grito que desperta o mundo surdo para o essencial da existência. Tal perspectiva converge com

a Logoterapia de Viktor Frankl (2011, 2017), para quem o ser humano é capaz de escolher sua atitude diante do sofrimento inevitável, no qual há uma via de sentido.

A dignidade humana, tanto para Lewis quanto para Frankl, manifesta-se precisamente na capacidade de encontrar sentido mesmo em circunstâncias mais dolorosas. Os autores reconhecem que a experiência da dor, quando assumida de modo consciente, pode conduzir à reconstrução do sentido e à maturidade espiritual. Frankl (2011, p. 104) afirma que “o homem é aquele ser que inventa câmaras de gás, mas também é aquele que nelas entra de cabeça erguida, rezando”.

O sentido do sofrimento, nesse horizonte, não é fuga da dor, mas sim a forma de enfrentá-lo com propósito. A dor, quando compreendida e ressignificada, deixa de ser um limite e se torna um caminho para o reencontro com o sentido da existência. Frankl (2016) recorda que o essencial não é o que se sofre, mas como se sofre, ou seja, a atitude que se toma diante daquilo que não pode ser mudado. Nessa postura reside a liberdade interior e a possibilidade de transformação. Assim como para Lewis o amor divino é pedagógico, para Frankl o sofrimento é caminho de autotranscendência, a oportunidade de reencontrar sentido no meio da perda e da limitação. “O sentido do sofrimento – do inevitável e inescapável sofrimento em si, obviamente – constitui o mais profundo sentido possível” (Frankl, 2011, p. 97).

Na fibromialgia, essa leitura teológica e existencial adquire especial relevância. Trata-se de uma condição marcada pela invisibilidade e pela incompreensão, na qual a dor física se mistura à dor moral e social com repercussões psicológicas significativas. A ausência de reconhecimento médico e o estigma associado à doença produzem um tipo de sofrimento

silencioso que, como afirma Lewis, “faz o homem voltar-se para Deus quando todos os outros refúgios falham” (Lewis, 2021, p. 95).

No contexto amazônico, onde fé e vida cotidiana se entrelaçam em práticas devocionais, o pensamento de Lewis pode ser reinterpretado como expressão de uma espiritualidade comunitária. O sofrimento, quando partilhado e ritualizado, seja em promessas, procissões ou festas religiosas, converte-se em linguagem coletiva. A dor que isola transforma-se em comunhão, e o silêncio do estigma dá lugar à palavra simbólica que cura e une. Vale ressaltar que Lewis e Frankl convergem numa mesma visão humanista: a dor, quando acolhida e compreendida, torna-se mediação entre o humano e o divino. Ela não é um castigo, mas uma pedagogia espiritual que convida à coragem, à esperança e à reconstrução do sentido diante daquilo que não se pode evitar. A Logoterapia, nesse contexto, oferece um horizonte ético e existencial no qual o sofrimento pode ser redimido pela atitude interior, que Frankl (2011, 2020) chama de valor de atitude, que transforma a dor em gesto criador e o limite em possibilidade de transcendência.

Evitar o sofrimento, o quanto for possível, é desejável. Mas, e quanto àquele sofrimento inescapável? A logoterapia ensina que devemos evitar a dor, quando isso for possível. Mas logo que um doloroso destino se apresente como imutável, esse sofrimento não só deve ser afirmado como deve ser transformado em algo significativo, numa conquista. (Frankl, 2011, p. 93-94).

Diante da relação estabelecida entre diferentes vivências, inclusive de sofrimento, e a construção de valor de atitude, e tendo em vista que este é um dos pressupostos fundamental para o estabelecimento de sentido de vida, podemos considerar que a convivência com dores crônicas, como no

caso de fibromialgia, é um exemplo de oportunidade para a construção de uma vida plena de sentido (Frankl, 2016, 2017).

3. O ESTIGMA E A INVISIBILIDADE DA DOR

A partir da obra seminal *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (Goffman, 1968), compreende-se que o sofrimento socialmente invisível desafia as normas de reconhecimento e pertencimento. Essa desvalorização ultrapassa o campo médico, comprometendo o reconhecimento social, a autoestima e o sentimento de pertencimento. O estigma corrói a identidade pública e interior, como ocorre com pessoas diagnosticadas com fibromialgia, cuja experiência se inscreve em um campo simbólico permeado por tensões entre corpo, cultura e moralidade. Assim como o sofrimento psíquico, a dor difusa e crônica é alvo de suspeita e descrédito, sendo frequentemente interpretada como fraqueza, histeria ou exagero, juízos que revelam, mais do que um olhar clínico limitado, um processo de estigmatização social.

O conceito de estigma formulado por Goffman (1968) pode ser ampliado à luz de estudos contemporâneos que analisam a estigmatização em doenças crônicas. Doenças como lúpus e transtornos mentais, assim como a fibromialgia, enfrentam desafios semelhantes de descrédito social devido à ausência de marcadores biológicos claros. Segundo Scambler (2009, p. 448, tradução nossa), o estigma em condições crônicas atua como um mecanismo de exclusão social, reforçando desigualdades e marginalizando os indivíduos afetados. Nessa perspectiva, o estigma não se restringe à dimensão individual, mas constitui-se como um fenômeno estrutural que reflete e perpetua relações de poder e normatividade corporal. Como explica o autor, “[...] a deficiência envolve a opressão social de pessoas cujas deficiências as

marcam, ou são discursivamente construídas como marcando-as, como diferentes” (Scambler, 2009, p. 448, tradução nossa).

Na fibromialgia, a ausência de marcadores clínicos visíveis contribui para a deslegitimação do sofrimento e para a ruptura biográfica, marcada por solidão e incompreensão (Perugino et al., 2022). Essa condição reflete o que Scambler (2009) denomina *stigma felt*, quando o indivíduo internaliza o olhar social e o converte em autonegação.

A invisibilidade da dor impõe um duplo sofrimento: físico e simbólico. Compreender essa dimensão é reconhecer que o sofrimento não é apenas corporal, mas relacional e cultural, exigindo escuta sensível e práticas de cuidado que considerem a integralidade do ser humano. Essa perspectiva é essencial para compreender a experiência da fibromialgia, sobretudo entre mulheres, nas quais o descrédito social assume contornos de gênero e desigualdade simbólica. A deslegitimação da dor feminina, historicamente associada à histeria ou à fragilidade emocional, perpetua estereótipos que invisibilizam o sofrimento e dificultam o acesso ao cuidado. Assim, a dor crônica se inscreve no limiar entre o biológico e o simbólico, o individual e o cultural, tornando-se espaço de tensões entre corpo, sentido e reconhecimento social (Ortega-Martínez; Grande-Gascón; Calero-García, 2023).

A fibromialgia acomete entre 2% e 4% da população mundial e desafia os modelos tradicionais de diagnóstico e cuidado por sua natureza multifatorial e subjetiva. O diagnóstico, baseado essencialmente na escuta e na interpretação dos sintomas, é menos uma constatação técnica e mais um ato de reconhecimento (Heymann et al., 2017). Essa subjetividade abre espaço para divergências diagnósticas e desigualdades: há superdimensionamento

em mulheres e subdiagnóstico em homens, evidenciando o caráter social e cultural da doença (Costa; Ferreira, 2023).

A prevalência feminina, na fibromialgia, com proporção de até nove mulheres para cada homem, reflete não apenas fatores biológicos, mas desigualdades estruturais que atravessam corpo, gênero e cultura. A dor feminina, historicamente associada à fragilidade e à emotividade, é frequentemente deslegitimada, confundida com instabilidade emocional ou fraqueza moral (Costa; Ferreira, 2023). As mulheres, geralmente entre 35 e 44 anos, vivenciam vulnerabilidades sociais e afetivas que agravam o sofrimento e reforçam a exclusão. Na fibromialgia, a ausência de marcadores biológicos claros e as alterações cognitivas e emocionais intensificam o descrédito, fragmentando a percepção de si e convertendo o sofrimento em silêncio. A invisibilidade nos exames clínicos inscreve a fibromialgia no campo simbólico, tornando a dor uma experiência de difícil validação (Ruschak et al., 2023).

Por outro lado, a invisibilidade da dor masculina revela um estigma distinto, mas igualmente perverso. Homens com fibromialgia tendem a adiar o diagnóstico, temendo a perda do ideal de força, virilidade e racionalidade imposto pela cultura. Como apontam Ruschak et al. (2023), essa ausência nas pesquisas e nos espaços de cuidado perpetua a ideia de que a fibromialgia é uma “doença feminina”, limitando a compreensão da dor como fenômeno humano universal.

O impacto do estigma na saúde mental e emocional das pessoas com fibromialgia é significativo, contribuindo para sentimentos de isolamento, baixa autoestima e vazio existencial. Estudos como o de Werner e Malterud (2020) demonstram que a deslegitimação da dor crônica por profissionais de saúde e pela sociedade intensifica o sofrimento psicológico, criando barreiras para o acesso ao cuidado adequado. Nesse contexto, políticas públicas que

promovam a conscientização sobre a fibromialgia e a capacitação de profissionais de saúde são essenciais para combater o estigma e garantir um atendimento mais humanizado e inclusivo.

Estudos contemporâneos, como os de Perugino et al. (2022) e Kerr e Demichelis (2025), atualizam o pensamento goffmaniano ao compreender o estigma como fenômeno ideológico e relacional, sustentado por estruturas de poder que produzem e reproduzem desigualdades. A invisibilidade clínica da fibromialgia intensifica esse processo: a ausência de marcadores objetivos reforça o descrédito e gera o que Goffman denominou “identidade deteriorada”, uma existência entre a dúvida médica e o descrédito social. Assim, a pessoa com fibromialgia precisa continuamente negociar sua legitimidade, explicando e justificando sua dor (Kerr; Demichelis, 2025).

A luta por reconhecimento é também uma luta simbólica, na qual o corpo se torna campo de disputa entre saberes médicos, experiências subjetivas e narrativas culturais. O estigma, como mecanismo de controle social simbólico, opera por três dimensões principais: exploração e dominação, controle normativo e exclusão social. Trata-se, portanto, de um dispositivo de poder que atua tanto de forma visível, por meio de práticas institucionais e diagnósticas, quanto invisível, através de valores culturais e discursos científicos legitimadores (Phelan; Link; Dovidio, 2008).

O estigma reproduz desigualdades e produz efeitos psicológicos e sociais profundos. Atitudes de rejeição e desconfiança contribuem para a internalização de julgamentos sociais, que comprometem a autoestima e o sentido de vida. Essa internalização gera sentimento de impotência, isolamento e vazio existencial (Frankl, 2014, 2017, 2020). Esse vazio, definido como frustração diante da perda de sentido, evidencia que o sofrimento é também simbólico, relacional e existencial. Superá-lo requer ressignificar a dor a partir dos valores propostos por Frankl: o valor de

criação, ligado ao que o indivíduo oferece ao mundo; o valor de vivência, relacionado ao que recebe em encontros e experiências; e o valor de atitude, referente à postura diante de um destino inevitável, como uma doença crônica.

Compreender a fibromialgia implica reconhecer que a dor é também uma experiência simbólica e comunicativa, cuja invisibilidade exige ser escutada e validada em sua complexidade existencial. Essa escuta é, antes de tudo, um gesto ético no qual o reconhecimento devolve à pessoa adoecida o direito de ser vista, nomeada e compreendida. Nessa perspectiva, Kachaner et al. (2023) destacam que, nas interações entre pessoas com fibromialgia e profissionais de saúde, a atenção às narrativas possibilita uma compreensão mais profunda da subjetividade implicada em cada vivência. A ausência dessa escuta, ao contrário, favorece sentimentos de rejeição, frustração e dependência, evidenciando o esforço contínuo do sujeito em encontrar estratégias próprias diante da ineficácia dos cuidados recebidos.

Assim, a relação terapêutica torna-se também um espaço simbólico de validação, onde a palavra e o reconhecimento se configuram como formas de cuidado. O corpo, nesse horizonte, converte-se em ponto de convergência entre o social e o espiritual, entre o silêncio imposto e a necessidade de sentido. À luz da Logoterapia, o sentido emerge precisamente quando o sujeito, mesmo ferido pelo descrédito, transforma sua dor em gesto de dignidade e transcendência (Frankl, 2011, 2016, 2020).

4. A DOR COMO CAMINHO PARA O SENTIDO

Viktor Frankl (2011, 2014, 2016), sobrevivente a quatro campos de concentração nazistas, propôs que mesmo o sofrimento inevitável pode ser transformado em fonte de sentido. A dimensão espiritual ou noética permite

ao ser humano transcender a dor, assumindo uma postura consciente diante do destino. Frankl concebe uma visão de homem que propõe compreender a existência a partir de fenômenos especificamente humanos e da identificação da dimensão noética, aquela que abrange as qualidades que diferenciam o ser humano dos demais animais e que, por isso, constitui sua dimensão genuinamente humana.

Para Frankl (2011), o espiritual (*nous*) é, ontologicamente, um modo de ser próprio e, antropologicamente, o modo de ser propriamente dito do humano. Contudo, essa concepção exige duas restrições fundamentais. Em primeiro lugar, o elemento espiritual não é a única região ontológica à qual o ser humano pertence, pois ele é uma totalidade corporal, psíquica e espiritual. Em segundo, no interior do espírito, ou seja, noologicamente, o racional e o intelectual não representam o elemento essencial do ser humano, mas o emocional e o existencial o contestam nessa hierarquia. Assim, a psicologia, segundo Frankl, deve tornar-se propriamente *noologia*: “É somente como noologia que ela consegue se aproximar, sim, mesmo apenas chegar um pouco mais próximo de algo assim como a ‘pessoa’ – a ‘existência’ – o ‘espiritual’” (Frankl, 2014, p. 72).

A capacidade de responder eticamente à adversidade foi nomeada por Frankl (2011) como valor de atitude, um dos caminhos existenciais para a realização do sentido de vida, mesmo diante do sofrimento inevitável. A dor constante e a ausência de reconhecimento social geram sentimentos de invalidação, inutilidade e desamparo, afetando o modo como as pessoas significam a própria existência. A experiência da fibromialgia ingressa, portanto, de forma profunda na constituição subjetiva, exigindo intervenções que acolham a dimensão simbólica e afetiva do adoecimento.

O valor de atitude tem sido aplicado com sucesso em intervenções terapêuticas com pessoas que vivem com dor crônica. Darwich, Carvalho e

Moura (2020) demonstram que intervenções psicossociais fundamentadas na Logoterapia, especialmente em grupos vivenciais, favorecem a emergência desse valor. Tais espaços oferecem um ambiente seguro para o compartilhamento de experiências, permitindo transformar o sofrimento em oportunidade de crescimento pessoal e espiritual.

Frankl (2011) afirma que é prerrogativa do ser humano, e parte constituinte de sua existência, a capacidade de definir-se e redefinir-se. O valor de atitude, portanto, vai além de encontrar sentido no sofrimento: ele favorece o encontro de sentido por meio da escuta e da palavra. Ao partilhar suas vivências e atribuir novos significados à dor, pessoas com fibromialgia podem reconstruir modos de enfrentamento e restaurar a unidade simbólica do self. Nos espaços em que o sofrimento é acolhido, a dor é reconhecida, nomeada e transformada em narrativa, gesto que confere dignidade à experiência e possibilita a transcendência.

Diante desse cenário, emergem demandas por práticas de cuidado que transcendam o modelo biomédico e acolham o sofrimento humano em sua complexidade. A escuta empática e o reconhecimento da experiência vivida tornam-se fundamentais para evitar a ampliação do sofrimento moral e existencial, frequentemente agravado por abordagens estritamente técnicas (Frankl, 2016; Kachaner et al., 2023).

Assim, o sofrimento presente em quem convive com dor crônica, quando acolhido de maneira empática e simbólica, pode se tornar um caminho para o sentido. O valor de atitude emerge como força interior que legitima o sofrimento sem reduzi-lo à fraqueza, permitindo que o sujeito reconstrua sua

história e reencontre o significado da própria existência (Frankl, 2016; Kachaner et al., 2023).

5. FIBROMIALGIA, CULTURA POPULAR E A PRODUÇÃO DE UM ESPAÇO DE SENTIDO E TRANSCEDÊNCIA

As expressões da cultura popular amazônica revelam uma espiritualidade encarnada, em que corpo, território e sagrado se entrelaçam na construção cotidiana do sentido da vida. No contexto de Belém do Pará, o Círio de Nazaré e o Arrastão do Pavulagem constituem dois exemplos emblemáticos de como práticas devocionais e artísticas podem acolher dores invisíveis e oferecer caminhos simbólicos para a ressignificação do sofrimento, especialmente no caso de pessoas que convivem com fibromialgia.

No Círio de Nazaré, a caminhada dos fiéis transforma-se em espaço de acolhimento para corpos fragilizados. Pessoas com fibromialgia costumam participar de pequenos trechos da procissão, muitas vezes apoiadas por familiares. O gesto, mais do que esforço físico, converte-se em rito comunitário: o corpo que sofre deixa de ser invisível e encontra abrigo na fé e na solidariedade coletiva. Os ex-votos carregados por promesseiros que são pequenas esculturas, faixas ou objetos que representam partes do corpo, traduzem simbolicamente a dor crônica, atribuindo forma concreta ao que não se mostra em exames clínicos. Essa materialização do sofrimento legitima as dores difusas e oferece ao devoto um lugar de fala dentro da celebração.

Pesquisadores como Barros (2015) e Maués (2000) demonstram que o Círio articula emoção, corporeidade e espiritualidade em uma grande dramaturgia coletiva, capaz de reorganizar subjetividades. Relatos de mulheres com fibromialgia apontam que o Círio lhes concede uma coragem incomum, reforçando a dimensão frankliana da autotranscendência: a dor permanece,

mas sua interpretação muda diante da fé, da promessa e da comunhão coletiva. Para algumas devotas, estar na corda – espaço de esforço, tensão e resistência – simboliza a própria luta cotidiana contra a invisibilidade da dor, reafirmando que seu sofrimento existe e merece reconhecimento.

O Arrastão do Pavulagem, por sua vez, oferece uma forma distinta, mas igualmente potente, de reelaboração simbólica da dor. A dança, os tambores e o cortejo festivo constroem um ambiente em que participantes com dores crônicas podem experimentar novas relações com o próprio corpo. O movimento contínuo e ritmado dos passos, ainda que realizado com limitações físicas, gera sensação de leveza emocional e alívio simbólico. Brincantes com fibromialgia relatam que participar do Arrastão “devolve o corpo ao mundo”, retirando-o do isolamento provocado pela dor persistente.

As oficinas culturais do Instituto Arraial do Pavulagem (de percussão, dança e artesanato) fortalecem redes afetivas e funcionam como espaços de cuidado, ampliando a dimensão comunitária da festa. Estudos de Lima e Gomberg (2012) e Silva (2019) evidenciam que o Pavulagem articula arte, educação e memória afetiva, produzindo vínculos que ajudam a mitigar o impacto emocional e social da dor crônica. A estética plural do cortejo, que valoriza corpos, idades e ritmos distintos, legitima a presença daqueles que vivenciam sofrimentos invisíveis.

A metáfora ecológica presente no Pavulagem frequentemente relaciona a dor do corpo à dor da floresta, assim como também amplia o horizonte de sentido para pessoas com fibromialgia. Ao perceberem que a Amazônia ferida ganha voz no cortejo, muitos participantes reconhecem, nesse espelhamento, sua própria luta por cuidado e visibilidade. Assim, o Pavulagem transforma o sofrimento pessoal em gesto criativo e político, integrando-o a uma ética coletiva de cuidado com a vida.

À luz da Logoterapia, tanto o Círio quanto o Pavulagem acionam valores de

vivência, de criação e de atitude, permitindo que o sujeito transcenda a dor individual e encontre sentido na partilha comunitária. Pesquisas contemporâneas sobre essas manifestações (Maués, 2000; Chagas Junior, 2016; Silva, 2019; Santos; Vieira, 2023) confirmam seu papel como dispositivos simbólicos de resistência, espiritualidade e cuidado. Nesses espaços, a dor física, emocional ou existencial encontra acolhimento e torna-se expressão de presença, pertencimento e significado.

A cultura popular brasileira pode ser comparada a outras manifestações globais que utilizam a arte e a espiritualidade para lidar com o sofrimento. Rituais africanos de cura e práticas indígenas de conexão com a natureza também transformam a dor em expressão simbólica e coletiva. Segundo Krenak (2019), essas práticas revelam uma espiritualidade que transcende o indivíduo, conectando-o à comunidade e ao cosmos. Essa comparação evidencia a universalidade da busca humana por sentido diante do sofrimento, ao mesmo tempo em que valoriza as especificidades culturais de cada contexto.

A cultura popular, nesse sentido, constitui um campo terapêutico e simbólico, onde o sofrimento individual encontra eco no coletivo. Trata-se de uma espiritualidade vivida por meio da estética, um modo de religar o humano ao mundo pela dança, pela música e pela partilha. Cantar, dançar, celebrar tornam-se gestos de afirmação da vida diante da perda, do luto, da dor crônica e da crise ecológica. O gesto devocional, portanto, é também político e existencial, pois expressa resistência cultural e o reencantamento do cotidiano (Lima; Gomberg, 2012).

À luz da Logoterapia, essas manifestações revelam que o sentido não é apenas uma construção individual, mas também um fenômeno relacional e comunitário. O pertencimento, o vínculo afetivo e o engajamento cultural tornam-se formas de valor de criação, de vivência e de atitude diante do

sofrimento coletivo. Assim como nas experiências de quem convive com dor crônica, a cultura popular cria condições para a autotranscendência, um deslocamento do sofrimento em direção à força criativa e solidária (Krenak, 2019). A arte, o rito e a festa se tornam caminhos simbólicos de superação do vazio existencial, pois reconectam o indivíduo à sua história, à memória coletiva e ao sagrado que habita a vida comum (Frankl, 2014, 2016).

O sofrimento humano, seja físico ou simbólico, é atravessado por dimensões afetivas e culturais. No caso da fibromialgia, o estudo de Ortega-Martínez, Grande-Gascón e Calero-Garcia (2023) mostra que os vínculos emocionais e o apoio social influenciam diretamente o bem-estar e o sentido existencial das pessoas. A dor crônica, assim como o sofrimento coletivo expresso nas manifestações populares, é também uma dor de pertença, uma experiência que desafia a fragmentação e convoca à comunhão. Em ambos os contextos, a força dos laços comunitários e da espiritualidade compartilhada se apresenta como um caminho de reconciliação entre corpo, alma e mundo (Krenak, 2019).

A cultura popular, portanto, atua como mediadora psicossocial e existencial. Ao transformar a dor em expressão simbólica e o sofrimento em gesto criador, ela cumpre a função que Frankl (2011) atribui ao valor de atitude: a capacidade de responder de modo ético e criativo diante do inevitável. O canto, a dança, a oração e o rito são, assim, testemunhos de uma espiritualidade humanista, em que o sentido floresce no encontro, na solidariedade e na celebração da vida.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou iluminar a experiência da fibromialgia para além de sua

dimensão clínica, situando-a no complexo entrelaçamento entre corpo, significado e sociedade. A análise revelou que o sofrimento nessa condição é profundamente marcado por uma invisibilidade dupla: a biomédica, pela ausência de marcadores objetivos, e a social, pelo descrédito e estigma que deslegitimam a dor do outro. Nesse cenário, a dor crônica torna-se não apenas um fenômeno sensorial, mas uma experiência de linguagem silenciada, um apelo por reconhecimento, pertencimento e sentido.

A Logoterapia de Viktor Frankl ofereceu um eixo fundamental para esta reflexão, ao propor que o sofrimento inevitável pode ser transformado em caminho de autotranscendência. O "valor de atitude" – a liberdade interior de escolher como responder ao destino – mostra-se como uma ferramenta existencial poderosa para pessoas com fibromialgia, permitindo ressignificar a dor e encontrar propósito mesmo na limitação. Em diálogo com a reflexão teológica de C.S. Lewis, essa perspectiva humanista reforça que a dor, longe de ser um mero castigo ou fracasso, pode operar como uma pedagogia do sentido, convidando à coragem, à humildade e à reconstrução identitária.

Do ponto de vista social, a teoria do estigma de Erving Goffman mostrou-se indispensável para compreender os mecanismos de exclusão que atingem quem vive com dor invisível. O estigma revela-se um dispositivo de poder simbólico que opera tanto externamente, pela suspeita médica e pelo preconceito social, quanto internamente, pela internalização da culpa e da autoinvalidação. Superar esse duplo aprisionamento exige, portanto, mais do que avanços diagnósticos; exige uma mudança de olhar, uma escuta clínica e social que valide a experiência narrada e restitua ao sujeito sua dignidade e lugar de fala.

Nesse processo de reparação simbólica, a cultura popular emergiu como um espaço vital de cura e reconstrução. Manifestações como o Círio de Nazaré e o Arrastão do Pavulagem, em Belém do Pará, demonstraram como

ritos comunitários, arte e espiritualidade podem acolher a dor invisível, transformando o sofrimento isolado em narrativa coletiva. Nelas, o corpo frágil encontra abrigo, a dor ganha forma simbólica (nos ex-votos, na dança, no canto) e a experiência individual se transfigura em pertencimento e esperança compartilhada. A cultura popular atua, assim, como uma mediadora terapêutica e existencial, cumprindo na prática o que Vitor Frankl definiu como valor de atitude: a capacidade de responder ao inevitável com criatividade, ética e solidariedade.

Em síntese, compreender a fibromialgia a partir desta triangulação – entre Logoterapia (sentido), Sociologia do estigma (reconhecimento) e Cultura popular (pertencimento), é afirmar que a dor humana é, em última instância, uma questão de significado. O desafio que se coloca para a ciência, a saúde e a cultura não é apenas aliviar sintomas, mas restituir à dor o seu direito à palavra e ao sentido. Reconhecer o sofrimento do outro, escutá-lo em sua complexidade e integrá-lo a narrativas coletivas de cuidado e transcendência são passos essenciais para uma abordagem verdadeiramente humanista e integral da saúde.

Para além desta reflexão, futuras pesquisas poderiam investigar, de forma empírica, como outras manifestações culturais regionais operam na ressignificação da dor crônica, ou avaliar a eficácia de intervenções baseadas na Logoterapia em grupos de apoio para fibromialgia. A condição, em sua persistência e invisibilidade, segue como um espelho ético de nosso tempo, desafiando-nos a equilibrar a objetividade da técnica com a subjetividade da alma, a romper o silêncio impostos pela falta de marcas visíveis e, finalmente, a transformar o sofrimento em caminho de reencontro com o humano.

Conclui-se, portanto, que a superação do estigma e do vazio existencial que acompanha a fibromialgia exige mais do que protocolos: exige uma escuta

que reconheça, uma ciência que compreenda e uma cultura que celebre transformando. Onde houver sentido, a dor deixa de ser um limite absoluto e se revela como uma possibilidade – por vezes dolorosa, mas profundamente humana – de reencontrar, na própria vulnerabilidade, a força para seguir existindo com propósito.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de José Oliveira. São Paulo: Paulus, 2000.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Alexandre Correia. São Paulo: Loyola, 2006.

CHAGAS JUNIOR, Edgar Monteiro. **Pelas ruas de Belém: produção de sentido e dinâmica cultural nos arrastões do Pavulagem em Belém do Pará**. Tese de doutorado Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

COSTA, Larissa Pereira; FERREIRA, Márcia de Assunção. A fibromialgia na perspectiva de gênero: desencadeamento, clínica e enfrentamento. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 32, p. e20220299, 2023.

DARWICH, Rosângela Araújo; CARVALHO, Larissa Fortes; MOURA, Marlene Silva de. Grupos vivenciais e pandemia de COVID-19: pesquisa mediada pela internet. **Asas da Palavra**, v. 17, n. 2, 2020.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido**. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas**. Tradução de Marco Antônio Casanova. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante, 2016.

_____. **Um sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo**. 21ª ed. Aparecida: Ideias e Letra, 2017.

_____. **Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração**. São Leopoldo: Sinodal; Vozes, 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1968.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. Tradução de Paulo Geiger. São

Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HEYMMANN, Roberto Ezequiel et al. Novas diretrizes para o diagnóstico da fibromialgia. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 57, n. 2, p. 467- 476, 2017.

KACHANER, Alexandra et al. Management perspectives from patients with fibromyalgia experiences with the healthcare pathway: a qualitative study. **Frontiers in Medicine**, v. 10, art. 1231951, p. 1-8, 2023.

KERR, Jenna M.; DEMICHELIS, Carey. Contested illness, contested identity: How women with fibromyalgia construct legitimacy online. **Social Science & Medicine**, v. 381, art. 118251, p. 1-10, 2025.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEWIS, Clive Staples. **O problema da dor**. Edição especial. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021.

LIMA, Dula Maria Bento de; GOMBERG, Estélio. Cultura, patrimônio imaterial e sedução no Arraial do Pavulagem, Belém (PA), Brasil. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 9, n. 2, p. 53 - 68. 2012.

ORTEGA-MARTÍNEZ, Ana Raquel; GRANDE-GASCÓN, Maria Luisa; CALERO-GARCÍA, Maria José. Influence of socio-affective factors on quality of life in women diagnosed with fibromyalgia. **Frontiers in Psychology**, v. 14, art. 1229076, 2023.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Belém – Histórico do Círio de Nazaré**. In: Azevedo, Josimar (Org.). *Círios de Nazaré*. Belém: Instituto de Pastoral Regional, 2000.

PERUGINO, Francesca et al. Stigma and Chronic Pain. **Pain and Therapy**, v. 11, n. 4, p. 1085-1094, 2022.

PHELAN, Jo C.; LINK, Bruce George; DOVIDIO, John F. Stigma and prejudice: one animal or two? **Social science & medicine**, v. 67, n. 3, p. 358 - 367, 2008.

RUSCHAK, Ilga et al. Fibromyalgia syndrome pain in men and women: a scoping review. **Healthcare**, Basel, v. 11, n. 2, p. 223, 2023.

SANTOS, L. G. C. DOS .; VIEIRA, M. DO C.. Arrastão do Pavulagem, cultura (i)material e práticas de comunicação em agenciamentos durante a pandemia de Covid-19. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 46, p. e2023114, 2023.

SCAMBLER, Graham. Health-related stigma. **Sociology of Health & Illness**, v. 31, n. 3, p. 441-455, 2009.

SILVA, Luiz Carlos dos Santos. Arraial do Pavulagem: folguedo amazônico como

movimento cultural. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2019.

WERNER, Anne; MALTERUD, Kirsti. It is hard work behaving as a credible patient: encounters between women with chronic pain and their doctors. **Social Science & Medicine**, v. 74, n. 6, p. 1010-1018, 2020.

SOBRE AS AUTORAS:

Marlene Silva de Moura

Doutoranda em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia, Mestre em Comunicação Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia (2020), Psicóloga pela Universidade da Amazônia (2018).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8971-0989>

E-mail: pra.marlene@gmail.com

Edgar Monteiro Chagas Junior

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com área de concentração em Antropologia. Mestre em Planejamento do Desenvolvimento (PLADES) no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA). Bacharel e Licenciado Pleno em Geografia (UFPA). Docente do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Pará (UEPA) Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2048-560X>

E-mail: edgarchagas@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 6 nov. 2025. | **Artigo aprovado em:** 3 dez. 2025.